

ANÁLISE DO MATERIAL EXUMADO DA CASA ROCHA POMBO

**Beatriz Bandeira
Tatiana Costa Fernandes
Manoel Ramos Junior
Monique Seidel**

Resumo:

Durante a análise do material exumado a partir das intervenções de restauro da Casa Rocha Pombo: Morretes, região litorânea do Paraná, destacaram-se os registros cerâmicos, elementos faunísticos e louças. Tal reconhecimento permitiu apreender um recorte temporal sobre a ocupação local, entre meados do século XVIII e primeira metade do século XX, principalmente através das louças. Entretanto, a carência de fontes documentais danificou as informações que pudessem relacionar o material com as ocupações. Para isso recorreu-se a localização espacial dos registros, e à sua quantidade e variabilidade tipológica, buscando uma análise mais aprofundada sobre a história do edifício e do local, e enaltecer sua importância como bem patrimonial.

Palavras-chave: Morretes, análise espacial, tipologia de louças

Abstract:

During the analysis of the material exhumed from the Casa Rocha Pombo restoration interventions: Morretes, coastal region of Paraná, records of ceramics, faunal elements, and dishwasher stood out from the activities. This recognition allowed to seize a time frame on the local occupation, between the mid-eighteenth century and first half of the twentieth century, especially through the dishwashers material. However, the lack of documentary sources damaged information that could relate the material to the occupations. For a solution, we used the spatial location of the records, and the quantity and typological variability, searching for a deeper analysis of the history of the building and site, and exalt his importance as a capital asset.

Keywords: Morretes, spatial analysis, dishwashers' typology

Introdução

O “Projeto de Prospecção Interventiva e Monitoramento Arqueológico nas áreas de intervenção das Obras de Restauro na Casa Rocha Pombo, Morretes – PR” destinou-se a avaliação arqueológica associada às obras de restauro na referida casa, com vistas à identificação de áreas potenciais para futuras pesquisas arqueológicas.

A permissão de pesquisa ora solicitada visava atender as demandas do Termo de Referência do Memorial de Restauro produzido pela Secretaria Estadual da Cultura do Paraná, envolvendo prospecção e acompanhamento arqueológico nas áreas interna e externa que sofreriam intervenções e alterações devido às obras de restauro. O empreendedor do estudo correspondente a Sharmon Construtora Ltda, com sede em Rio Branco do Sul, PR proveu os recursos financeiros para a realização das pesquisas e levantamentos arqueológicos. Em seguida, o apoio institucional para a eventual guarda de bens arqueológicos localizados durante

a execução dos trabalhos foi fornecida pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná - UFPR, instituição mais próxima da área de pesquisa.

A Casa Rocha Pombo é um bem tombado pela Secretaria da Cultura do Estado do Paraná. Ela foi tombada em 19 de julho de 1973, processo número 41/73, inscrição tombo 40-II, cujo imóvel localiza-se no município de Morretes, no Largo Dr. José Pereira, nº 43. A propriedade pertence à Prefeitura do município (**Figura 01**).

Considerando as características eminentemente preventivas desse projeto, a prospecção e o monitoramento arqueológico foram realizados em consonância com as expectativas preservacionistas e conservacionista visando o mínimo de intervenção e o máximo registro de estruturas.

Acessando documentos oficiais, jornais da metade do século XIX a início do século XX, relatos de pessoas locais que viveram aquela época, de viajantes que passaram pelo local, tivemos informações contextuais regionais e locais; no que tange a aspectos históricos econômicos e sociais.



Figura 1: Centro urbano do Município de Morretes. A seta indica a localização do Bem Tombado Casa Rocha Pombo (imagem obtida e processada através do software livre Google Earth)

O povoamento começa a se fixar em Morretes durante o século XVII, com as descobertas das minas de Paranaguá por paulistas, na medida que o planalto da mesma forma se consolidava economicamente. A vila de Curitiba foi fundada em 1654, decorrente também da mineração, mas se estabeleceu ao longo dos anos com a criação de gado e a extração da erva mate. E a vila de Paranaguá foi fundada um pouco antes, em 1648, teve o seu porto fortalecido aos poucos sob uma importante ligação entre o mar e o planalto.

Mas entre essas duas referências geográficas, um longo e difícil trajeto se delineava. O meio mais fácil de transporte de mercadorias era pelo rio Nhundiaquara, então chamado de Cubatão. Alguns portos de contrato se estabeleceram ao longo do rio, dando origem a pequenos povoados. Morretes, que já era um polo de ocupação por causa da atividade mineradora, cresceu

às margens desses contratos, disponibilizando transporte de mercadorias entre o planalto e a baía de Paranaguá, no comércio e na agricultura.

Na virada do século XIX, os contratos de passagem procederam no desenvolvimento econômico do litoral, dando melhorias nas estradas e no aumento do fluxo econômico (SCHMIDLIN, 2009), principalmente no aumento da produção de erva mate, exportada para Sacramento, e na leva de corte de gado para o porto de Paranaguá (SANTOS, 1962).

No período de 1811 a 1832, o comércio e a indústria centrada em engenhos de aguardente, farinha de mandioca, erva mate e arroz, eram as principais atividades econômicas na região, sobretudo a indústria de beneficiamento de erva-mate, movidos a força hidráulica.

Em 1834, a população era de dois mil quatrocentos e cinquenta e quatro habitantes, sendo mil setecentos e oitenta e três escravos e seiscentos e setenta e um livres (SANTOS, 1962). Em 1º de março de 1841, Morretes foi elevada à categoria de município, com território desmembrado de Antonina pela Lei Provincial nº 16. A instalação oficial se deu no dia 5 de julho de 1841. Mas no final do século XIX o desenvolvimento da erva mate no planalto contribuiu para a decadência econômica dos engenhos no litoral, tendo o panorama também complementado pela instalação da Estrada de Ferro que iniciou seu funcionamento em 1885.

Com a falência dos engenhos de mate, a cidade manteve sua economia vinculada ao turismo, à agricultura e a produção artesanal de alguns artigos, como a cachaça. O principal jornal da época, “Dezenove de Dezembro”, publicava anúncios de pequenas viagens a cidade, convidando o leitor a apreciar a natureza da Serra do Mar e fazer uma parada em Morretes, para passeios pelo lugarejo (BIBLIOTECA, 1885).

Os documentos que nos informasse diretamente sobre a Casa Rocha Pombo, foram irrisórios. Não achamos o inventário da casa, nem mesmo das pessoas que a ocuparam, e nem mesmo sua planta; salvo o seu registro como bem tombado. Desse modo, contamos com a história oral, entrevistando moradores locais; em que tivemos a oportunidade de conversar com pessoas que lidam com bem patrimonial da cidade e que puderam nos dar informações principalmente sobre os ocupantes da Casa.

Entre finais do século XIX e início do Século XX, a casa fora originalmente construída para Cel. Rômulo José Pereira sua família, beneficiada pelo período áureo do ciclo do mate, e inclusive ex-prefeito de Morretes. Em seguida, o edifício se tornou a sede municipal dos correios e telégrafos e, em 1957, ela foi doada à prefeitura, em autoria de Luis Fernando Maluceli, em homenagem ao centenário da data de nascimento de um morretiano, o historiador Rocha Pombo. Ali funcionou um centro de cultura, como foi idealizado no projeto de lei que documenta sua doação de autoria de Luis Fernando Maluceli. O espaço abrigou biblioteca, exposições e outras atividades culturais. Finalmente, a casa permaneceu fechada por quase 20 anos, após ter passado por enchentes e um incêndio recente. Muito do material existente na casa,

como livros, documentos, obras de arte, mobiliário antigo, desapareceram com o passar dos anos.

Procedimentos de Pesquisa

Inicialmente a pesquisa arqueológica era acompanhar o Memorial de Restauro da Casa Rocha Pombo, onde previa intervenções na área interna da casa para a construção de sanitários, bem como, na área externa para a retirada de solo para ajardinamento da área. Assim, previa-se o monitoramento das ações de restauro. Os trabalhos previstos seriam a limpeza de superfície da área interna e abertura de valas de sanitários e sumidouro. Devido ao alto potencial constatado e a possibilidade e necessidade de avaliação do substrato em subsuperfície foram realizadas prospecções nos cômodos da edificação.

Segundo as informações contidas no livro tomo a Casa é descrita como o imóvel de moradia simples, de um pavimento, construída em alvenaria mista (pedra e tijolos) em meio a área ajardinada cercada por muro com gradil de ferro, com duas frentes, uma para o largo e outra para o Rio Nhundiaquara. Aberturas encimadas por vergas em arco de semicírculo, bandeiras fixas, janelas sistema de Guilhotina, divididas em quadrículos. Cobertura em telhado de quatro águas, telha capa-e-canal, arrematada por beiral em cimalha (**Figuras 2 e 3**).



Figura 2: Vista da frente da casa voltada para o Largo Dr. José Pereira. Fonte: PATRIMÔNIO, 2013



Figura 3: Vista da frente da casa voltada para o rio Nhundiaquara. Fonte: ORGANISMO, 2013

Entretanto, somente no local interno foi realizado o trabalho. Pois após essa etapa, a obra parou temporariamente, e, portanto na área externa não houve pesquisa. Já na área interna da Casa Rocha Pombo, os estudos procuraram cobrir espacialmente a edificação, ou seja, foram realizadas quadrículas nos espaços e/ou cômodos com direcionamentos para intervenções das obras de restauro.

As quadrículas realizadas pela equipe de arqueologia foram concentradas em diferentes locais (cômodos) da casa, conforme seu uso e potencial informativo, a partir de canto de parede, janelas, portas, e áreas centrais dos espaços, locais em que haveria provável concentração de vestígios (cultura material) (**Figuras 4 e 5**).

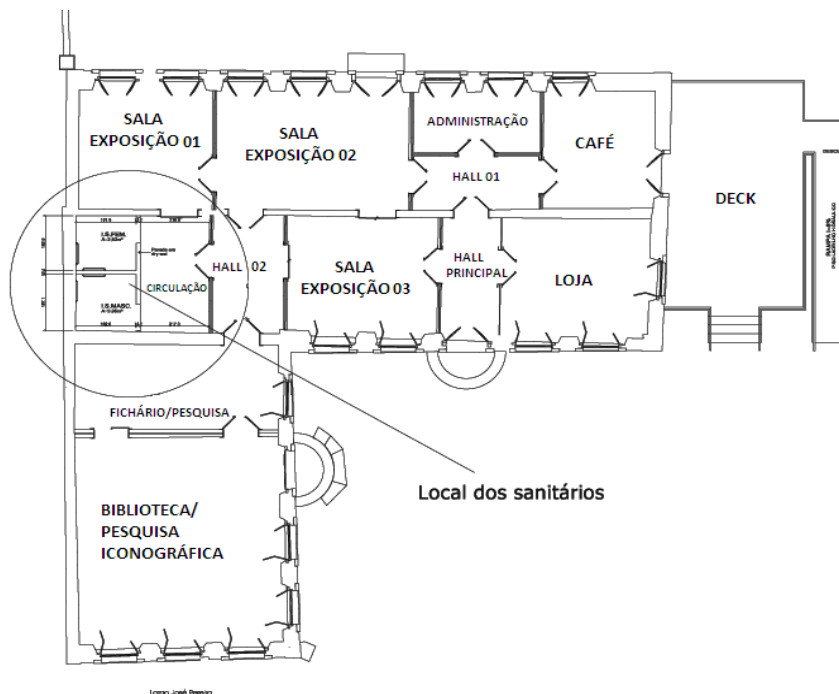


Figura 4: Planta baixa do restauro da área interna do bem tombado Casa Rocha Pombo.

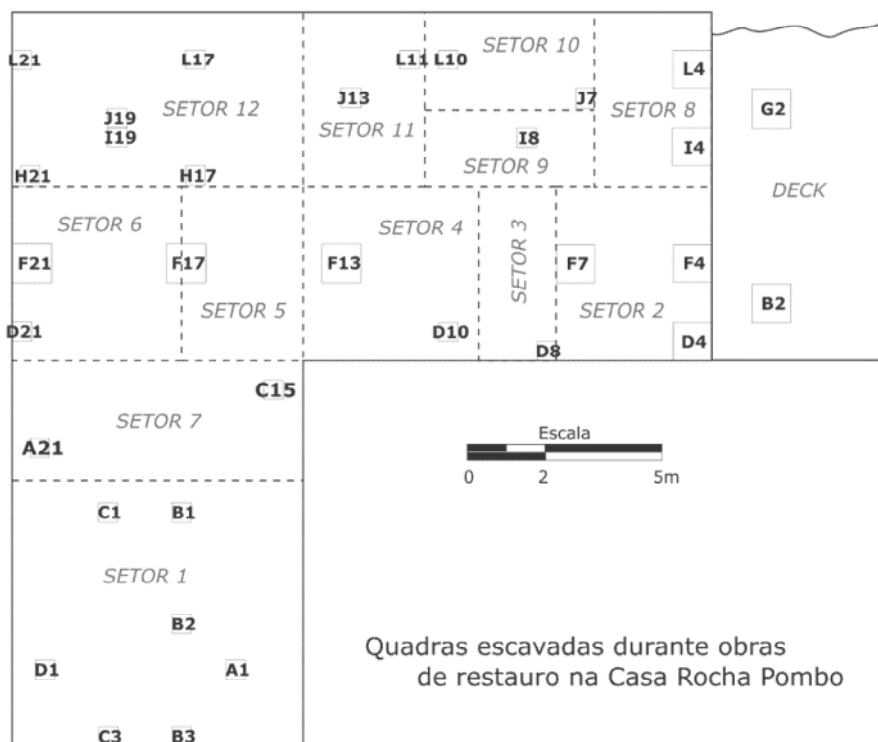


Figura 5: Prospecções realizadas nos cômodos da edificação durante o acompanhamento das atividades de restauro.

A casa foi dividida em 12 setores, onde cada cômodo correspondeu a um setor (**Figura 5**). No total foram realizadas 32 quadrículas, variando a largura entre 0,50 X 0,50m e 1,00 X 1,00m, e profundidade variando entre 0,50 m a 1 metro. Aumentava-se a metragem quando material ou evidências diferenciadas eram encontrados. Em seguida, a denominação das quadras obedeceu um sistema alfa- numérico, determinado por um número, indicando o setor da casa e uma letra maiúscula e um dígito numérico, indicando a sondagem, por exemplo, 2 F7.

O rebaixamento do solo e o seu registro das camadas de solo identificadas nas sondagens consorciaram a técnica por níveis arbitrários, e, o nível estratigráfico, o qual se refere a uma ou mais camadas definidas pela diferenciação de cor, textura, e composições observáveis em campo (exemplo, ossos, plantas, rochas, etc.) (KIPNIS, 2003). Ainda para avaliação vertical das intervenções em subsolo procurou através da definição dos níveis estratigráficos a identificação das fácies, ou seja, evento deposicional ao longo do tempo que resultou da ação de agentes de transporte trazendo material natural ou antrópico de fontes semelhantes e depositando-os no sítio arqueológico (KIPNIS, 2003).

Os procedimentos de registros quando encontrados, foram localizados, mapeados e realizados em ficha específica, papel milimetrado (croqui) e foto- digital. Após a finalização dos trabalhos de escavação as quadras foram revestidas com marcadores de plástico para identificação e proteção do material localizado.

Durante a etapa do Laboratório, os perfis estratigráficos dos 32 poços-teste realizados durante o campo foram analisados e constatou-se a ocorrência de 3 pacotes deposicionais

principais sobre a camada sedimentológica local. Ou seja, foram identificados quatro sedimentos denominados A, B, C e D, de acordo com a textura e coloração (**Figuras 6 e 7**), a saber:

- A** - Sedimento com argamassa (proveniente do reboco da parede, evidência de reformas anteriores);
- B** - Sedimento argilo-arenoso pouco compacto, podendo ter a inclusão de carvões, e fragmentos de louça;
- C** - Sedimento areno-argiloso orgânico escuro, com presença de carvões, que quando encontrado durante o rebaixamento, era um tipo bastante visível e distinguível dos demais. Acompanhado deste, vinham os fragmentos de cerâmica indicativos de painéis com evidências de uso no fogo (fuligem) e os elementos faunísticos;
- D** - Sedimento argiloso marrom e/ou marrom avermelhado compacto com presença de rochas intemperizadas, em grande parte da edificação, nos levando a concluir que este sedimento pertence ao ambiente natural do local e é estéril.



Figura 6: Detalhe para os sedimentos A, B e C conforme os tipos de cor, textura e vestígios observados em campo. Fonte: PRESERVAR

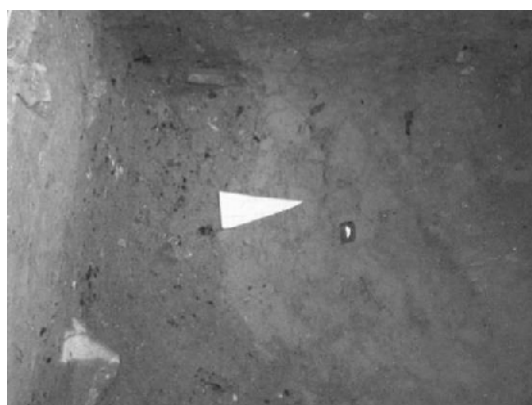


Figura 7: Detalhes para os sedimentos C e D, no fundo da quadrícula. Fonte: PRESERVAR

As 622 peças da Casa Rocha Pombo, exumadas no decorrer das sondagens realizadas ao longo do sítio, foram analisadas durante os trabalhos de laboratório e enquadradas em seis grandes grupos, sendo estes: cerâmica, vidro, fauna, louça, metal e argamassa. Abaixo, na **Tabela 01**, são apresentados os valores absolutos e o percentual dos materiais analisados. As **Figuras 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 14** demonstram exemplares de cada grupo de material recuperado durante as escavações.

Tabela 01 – Valor absoluto e percentual do material exumado da Casa Rocha Pombo

MATERIAL	ABUNDÂNCIA	%	MATERIAL	ABUNDÂNCIA	%
Cerâmica	221	35,53	Fauna	91	14,63
Louça	182	29,26	Metal	14	2,25
Vidro	112	18,01	Argamassa	2	0,32



Figura 8: Fragmentos de vasilhames cerâmicos domésticos – modo confecção acordelado ou roletado e torneado. Com decoração pintada (vermelho) e (vidrado) e sem decoração. Fragmentos com marca de uso - fuligem na face externa. Fonte: PRESERVAR



Figura 9 – Cachimbo cerâmico provável produção manufaturada. Face Externa. Fonte: PRESERVAR



Figura 10: Diversidade faunística da coleção Casa Rocha Pombo: 1) osso longo bovino; 2) Osso pélvido bovino; 3) Ostras.; 4) Dentes bovino; 5) osso de ave
Fonte: PRESERVAR



Figura 11: Fragmentos de costela bovina em diferentes estágios de intemperismo. Fonte: PRESERVAR



Figura 12: Exemplos de faiança fina inglesa da coleção Casa Rocha Pombo. Fonte: PRESERVAR

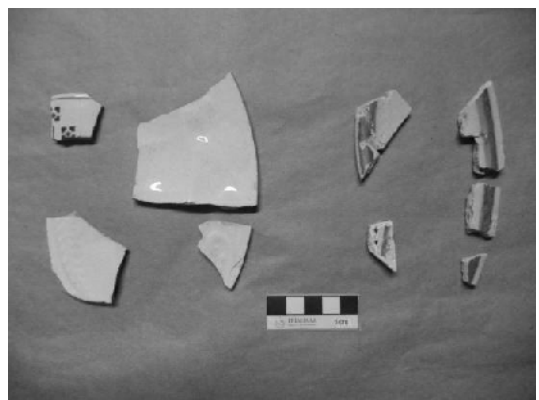


Figura 13: Exemplos de louça nacional (esquerda) e faiança portuguesa (direita) da coleção Casa Rocha Pombo. Fonte: PRESERVAR

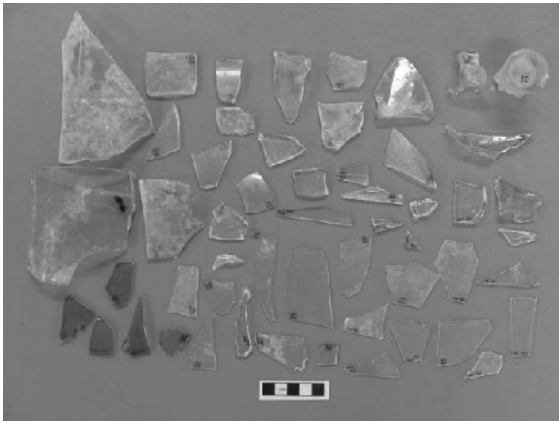


Figura 14: Fragmentos de vidro plano (janela) e curvilíneos de forma e função desconhecidas. Fonte: PRESERVAR



Figura 15: Fragmentos de maçaneta, formas desconhecidas, moeda, ruela e chave. Fonte: PRESERVAR

Discussão dos Dados

Considerando a arquitetura do edifício, a variabilidade tipológica e a dispersão espacial do material exumado, constatamos que os vestígios estejam relacionados ao material de descarte dos próprios ocupantes da casa, e possivelmente, anteriores à construção da casa.

Inicialmente, quando as atividades de campo iniciaram, já havia sido realizada a retirada do assoalho e limpeza da superfície do solo. Deste modo, parte do suporte informacional e possivelmente a cultural material de períodos mais recentes foi perdida. A mesma seria de grande valia para o melhor entendimento do processo de deposição e com isso o entendimento das ocupações humanas no local.

O material por sua vez, se mostrou variado e rico em dados, no que tange a sua representatividade. A tipologia das louças permitiu uma cronologia desde meados do século XVIII, a meados do século XX (**Figuras 12 e 13**). Foram reconhecidos quatro tipos; faiança, faiança-fina, porcelana e pó-de-pedra (louça moderna). Este último é as louças manufaturadas de origem nacional durante as primeiras décadas do século XX. Ao total foram somados 182 fragmentos e observando semelhanças entre suas características, 66 peças puderam ser relacionadas a serviço de mesa, higiene pessoal e material elétrico.

Das 224 peças que constituem a coleção de cerâmica, 42 são de material construtivo (telha), e, 182 vasilhames domésticos (jarros e panelas), (**Figura 8**). Sua tipologia variou em diversos vasilhames de cerâmica simples; e simples decorada. Nessa última, vários tipos decorativos como: inciso, penteado, aplicado e pintado. E além destes, um cachimbo inteiro com decorações referentes à simbologia Africana (**Figura 9**). Dentre os vestígios faunísticos, o conjunto somou-se em 91 registros; 68 correspondentes a mamíferos, sendo 33 bovinos, 2 suínos e 34 de famílias não identificadas. Além destes, 8 fragmentos de anfíbio; 2 de ave sendo

ambas as famílias também não identificadas; 1 peixe ósseo correspondente a família *ariidae* (Bagre); 1 concha de caramujo (*Helicina sp.*); e, 6 conchas bivalves, de ostra (**Figuras 10 e 11**).

Os fragmentos de vidro na Casa Rocha Pombo somaram-se em 112 registros (**Figura 14**), e, se reconheceu facilmente em sua grande maioria, como um material mais recente que o restante, por predominar a quantidade de vidros de janela e aqueles com contorno, mas com finalidade incerta. Somente nove fragmentos puderam ser reconhecidos como recipientes: tampa, taça, tinteiro, e frasco de perfume ou remédio, todos na cor transparente. E por último, os metais, no qual a maior parte desse material apresentou pouca deterioração (**Figura 15**). Os registros totalizaram 14 peças, sendo: três pregos, uma haste, uma maçaneta, uma chave, uma moeda do período imperial, e, três peças não identificadas como um objeto cuneiforme, um objeto composto, provavelmente causado pela oxidação, e um objeto não identificado. Pela facilidade de identificação, é possível que esse material seja de ocupação mais recente, assim como os vidros, com exceção de uma moeda do período do império.

As avaliações realizadas em campo juntamente com consultores do projeto, Prof. Dr. Luís Claudio Symanski e Prof. Dr. Laércio Loiola Brochier, inferiu-se que o sedimento C pudesse representar o piso ocupacional mais antigo do sítio, representativo possivelmente de período anterior a atual estrutura da edificação, período o qual, naquele local pudesse existir uma outra estrutura de edificação construída provavelmente com outros materiais. Esta inferência foi corroborada com a associação do sedimento C com cultura material distinta de outros sedimentos, como o B. Por esses vestígios materiais serem encontrados num contexto urbano, é natural que os sedimentos e seus respectivos materiais tenham sido transformados por uma variedade de processos pós-deposicionais ao longo dos anos tanto por agentes naturais, como bioturbações, e ação humana decorrente de diversas reformas que a casa teve ao longo de sua existência. Além disso, sabe-se que a casa ficou a mercê de enchentes, do rio Nhundiaquara, e fogo causado por uma figueira que havia junto ao setor 2. Desse modo, nem sempre os materiais coletados estavam alocados sequencialmente nos pacotes deposicionais acima citados. Por vezes foram evidenciados sob mistura das camadas identificadas, onde ocorrem material recente dentre os mais recuados, como louça junto a vidro plano e telha recente. Mas em geral, observando a distribuição dos registros coletados, em termos de concentração e dispersão desses elementos, é perceptível um padrão no comportamento estratigráfico e espacial.

Ao observar-se a distribuição espacial dos quatro principais grupos de vestígios arqueológicos recuperados (**Figuras 16, 17, 18 e 19**) percebe-se que as concentrações se dão basicamente em dois lados extremos da casa. Uma junto aos cômodos voltados para a parede de um edifício histórico, atualmente um restaurante, nos setores 12 e 6, e outra, nos setores 8, 2 e Deck, voltados para onde anteriormente localizava-se o trapiche no jardim da residência (**Figura 5**).

A antiguidade da edificação, como demonstrada por suas duas frentes e a existência do trapiche no jardim da residência, no atual Deck, leva a interpretarmos a concentração de material junto ao atual Deck como um provável depósito no passado, uma área de descarte da residência que existia antes da construção das feições hoje conhecidas da edificação. Esta inferência também é válida em contraposição à camada B, na qual foram identificados vestígios correspondentes, principalmente, ao século XIX, podendo ainda ser referentes a pessoas mais abastadas, de acordo com os registros de faiança fina inglesa.

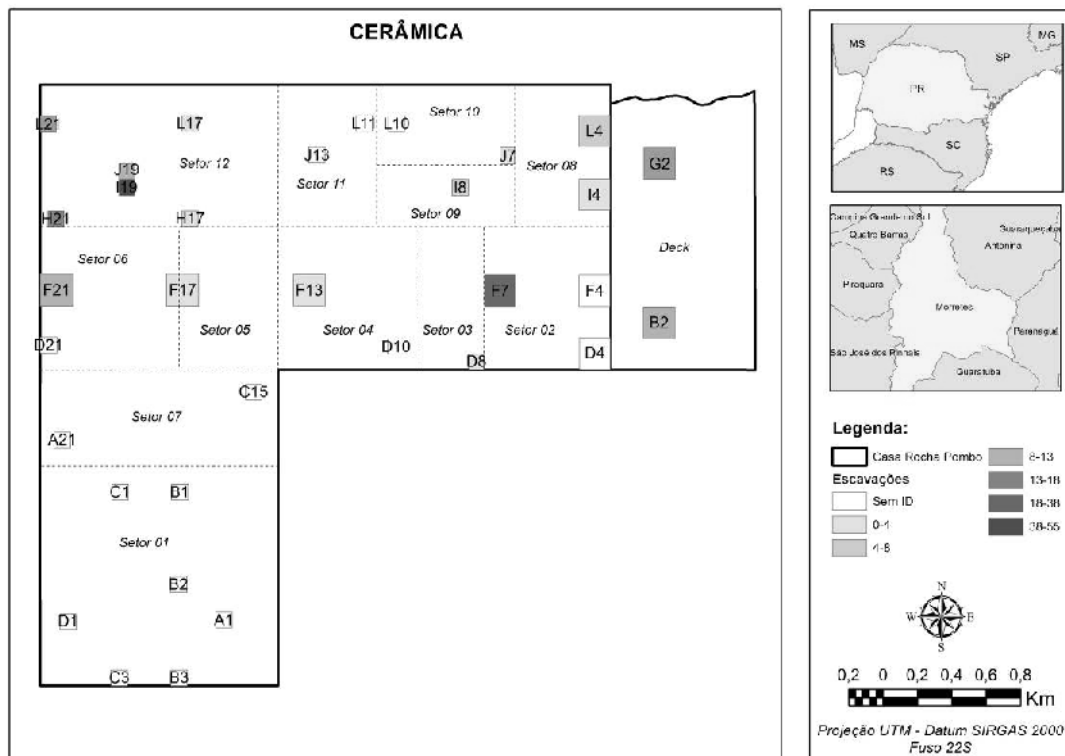


Figura 16: Distribuição espacial dos registros cerâmicos resgatados na Casa Rocha Pombo

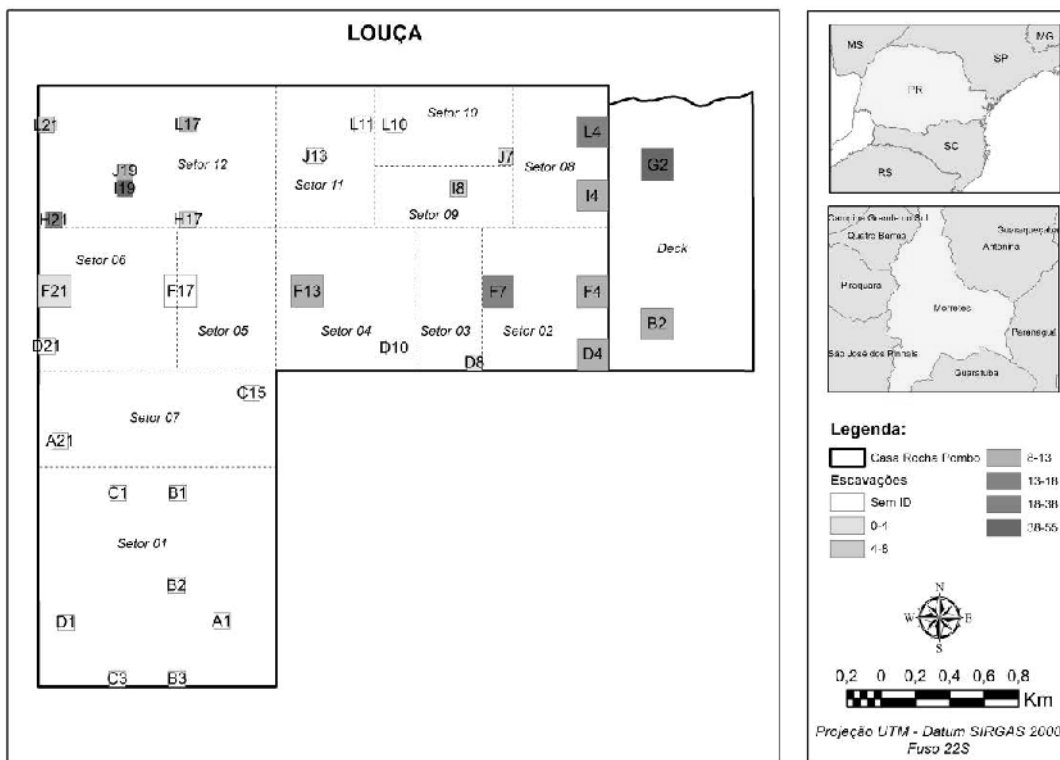


Figura 17: Distribuição espacial dos registros de louça resgatados na Casa Rocha Pombo

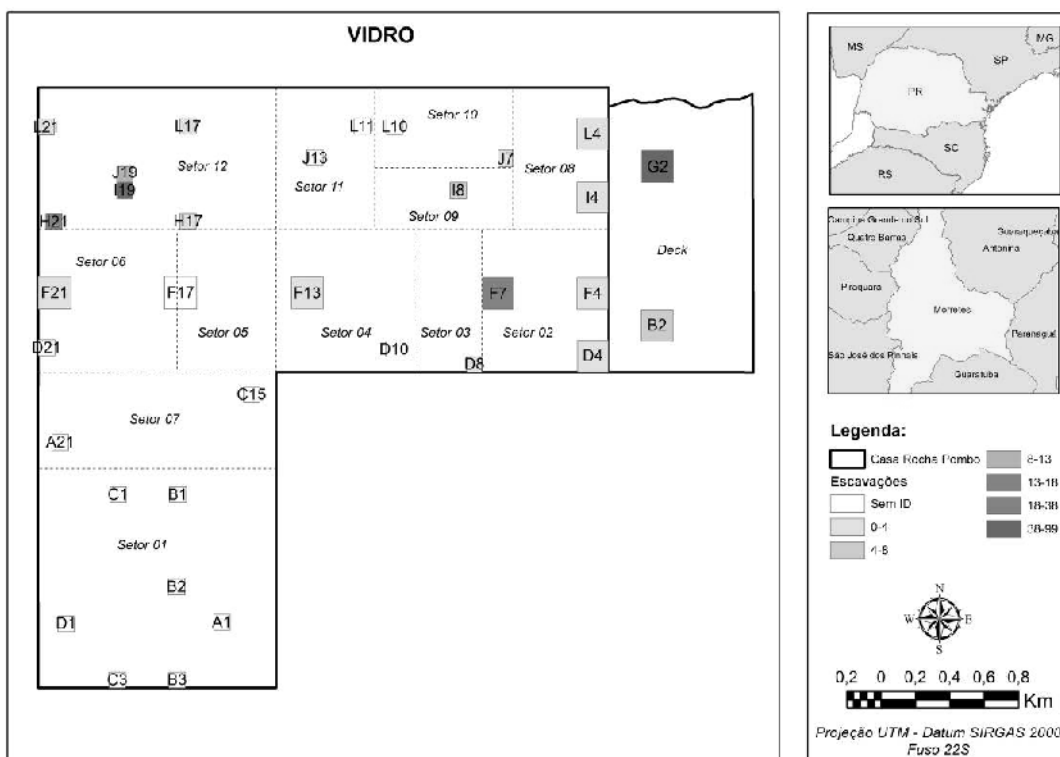
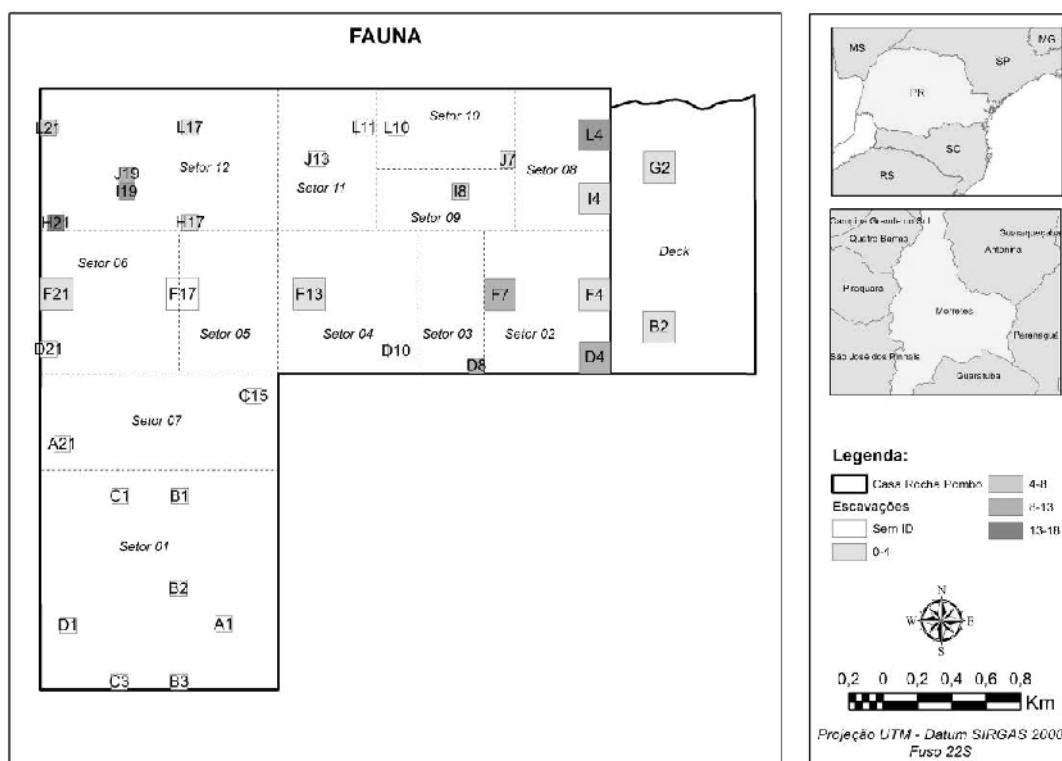


Figura 18: Distribuição espacial dos registros de vidro



Por uma análise espacial geral, evidenciada as duas concentrações de materiais nos dois lados extremos da casa, enquanto que na região central a quantidade é pouca e mais dispersa, pode-se considerar que as duas concentrações visíveis indiquem possíveis áreas de descarte de lixo doméstico dos ocupantes da casa, ou de uma ocupação anterior, pois há vestígios materiais que indicam uma data anterior aos finais do século XIX, momento de construção do edifício atual. A pouca quantidade encontrada pelo interior da casa é indicativo de realocação do material arqueológico mais concentrado, provavelmente em momentos de reformas no edifício.

Apesar de ser observada a presença de material mais recente dentre aqueles de uma data mais recuada à medida que se aprofundava os níveis, tal fato não interfere totalmente nas informações acerca do comportamento deposicional original. Na realidade, os elementos de metal, louça nacional e vidros de janela (materiais mais recentes) se concentram principalmente nos níveis 1 e 2 (0-20cm), das sondagens G2 e B2 (setor Deck), indicando muito provavelmente um depósito originado de reformas recentes ocorridas pela casa, aquelas realizadas por exemplo para adaptação aos serviços da Biblioteca Municipal local. Entretanto, é preciso cautela sobre tal suposição, pois quando iniciadas as prospecções arqueológicas o sedimento inicial de toda a casa já havia sido removido para a troca de piso.

O remanescente cerâmico chama atenção por ser em maior quantidade e adensar nas extremas da edificação, assim como os elementos faunísticos, sendo estes dois os principais vestígios recorrentes na camada C. No entanto, a princípio as tipologias das cerâmicas, sendo elas simples ou decorada, e a localização das mesmas não ajudou muito a inferir sobre o

histórico da casa, pois se mostraram inconstantes em quantidade e profundidade. O mesmo acontece com as louças importadas. As cronologias destas, de acordo com a localização estratigráfica, não permitiram inferir sobre quando foram depositadas. Assim sendo, essa análise de distribuição espacial dos registros permitiu possibilidades de interpretação a respeito da delimitação do sítio com o reconhecimento de suas áreas funcionais, como padrões de deposição de refugio (lixo doméstico, por exemplo) e de processos de formação do sítio (relacionando com as informações sobre as ocupações). Essas funções locais, relacionadas a partir do material encontrado e de documentação (infelizmente inexistente) sobre a casa, muito poderiam informar sobre seus ocupantes, em termos de parentesco e possíveis agregados, bem como sua interação social, devido à variabilidade tipológica e cronológica que o material apresentou.

Por fim, ao analisarem-se os dados voltados para o consumo, fica a divagação sobre as cerâmicas estando em quantidade maior que as louças e nos elementos faunísticos a predominância de costelas bovinas. Trata-se de materiais que necessitam, por suas condições, de uma maior atenção futura para permitir falar um pouco mais sobre o histórico da casa e, no âmbito da Casa Rocha Pombo como um bem cultural e patrimonial da sociedade morretiana e paranaense, pois uma vez a oportunidade de explorar seu núcleo familiar oitocentista, os resultados esperados serão promissores à significância histórica e arqueológica de Morretes e do Paraná.

Referências Bibliográficas

BIBLIOTECA Pública do Paraná. Seção de Documentação Histórica. **Jornal Dezenove de Dezembro**, 29 de março de 1885 (acervo microfilmado). KIPNIS, Renato. **Protocolo de Campo: Escavação**. Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos. Departamento de Biologia. Instituto de Biociências. Universidade de São Paulo, 2003.

ORGANISMO. Disponível em: <<http://organismo.art.br/blog/?p=1078>> Acessado em: 19/07/2013.

PATRIMÔNIO Cultural do Paraná. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=69&evento=2>>. Acessado em: 19/07/2013.

SANTOS, Antonio Vieira dos. **Memória Histórica Chrónologica Topographica, e Descritiva da Villa de Morretes e do Porto Real Vulgarmente Porto de Çima (1850)**. Curitiba: Museu Paranaense, v. 2, 1962.

SANTOS, Antonio Vieira dos. Memória Histórica Chronologica Topographica, e Descriptiva da Villa de Morretes e do Porto Real Vulgarmente Porto de Çima (1850). Curitiba: Museu Paranaense, 1962.

SCHMIDLIN, Henrique Paulo. Trilhas, Caminhos e Estradas no Paraná: séculos XVI a XIX. Cadernos Paraná da Gente, nº7, 2009.